
**‘O Que É Imortal Não Morre No Final’:
Identidade e Memória na turnê Nossa História de Sandy e Junior¹**

Ana Clara Siqueira VELOSO²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Em 29 de janeiro de 2019, o jornal Extra publica a informação, na época não confirmada, de que Sandy e Junior voltariam juntos aos palcos com uma agenda em comemoração aos 30 anos do início da carreira da dupla, que estava paralisada há 12. Em março, a agenda é divulgada oficialmente. A dupla pop brasileira de maior sucesso nas décadas de 90 e 2000 vêm provocando, desde então, grande frisson: as filas virtuais e presenciais para a compra de ingressos dos shows são enormes; as matérias em jornais são frequentes; grupos nas redes sociais foram criados para compartilhamento de experiências. Este artigo busca entender como conceitos caros ao campo da Comunicação, como Identidade e Memória, seja individual ou coletiva, colaboram para o sucesso da turnê Nossa História.

PALAVRAS-CHAVE: música; pop; identidade; memória; mídia.

Bastou a coluna “Retratos da Vida”, do jornal Extra, do Rio de Janeiro, publicar, em 29 de janeiro de 2019, que Sandy e Junior fariam “show comemorativo pelos 30 anos no segundo semestre” deste ano, para, mesmo sem confirmação da assessoria da dupla musical brasileira que estava há 12 anos separada, milhares de fãs ficarem animados. O efeito da ansiedade no Deezer (EXTRA, 2019), plataforma de streaming musical, foi rápido: em uma semana, as buscas pelas canções produzidas durante os anos de carreira conjunta dos irmãos aumentaram em 183%. E a procura ainda foi elevada — dessa vez, 230% em apenas um dia —, logo após a divulgação oficial da agenda em uma coletiva de imprensa realizada na cidade de São Paulo, em 13 de março. Segundo a programação inicial, a dupla faria dez shows — em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Recife, Salvador, Belém e Manaus — por todas as regiões do país (AVÓLIO, 2019).

Como a Deezer, outras empresas veriam seus números crescer “de carona” com a popularidade de Sandy e Junior. O anúncio por um blogueiro de que haveria uma primeira

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente o 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na linha Mídia e Mediações Socioculturais, e-mail: a.claraveloso@gmail.com.

cota de ingressos ofertados para donos de cartões das lojas Pernambucanas, por exemplo, fez a emissão deles aumentar em quatro vezes, saindo de uma média diária de 350 para mais de 2 mil (CORACCINI, 2019). E adiantou o que seria a pré-venda das entradas, aberta às 10h do dia 20 de março: apenas na internet, a fila teve mais de 180 mil pessoas (ESTADÃO, 2019). Uma semana depois, as vendas para o público geral, nas bilheterias das casas de shows escolhidas para receberem as apresentações, tiveram filas presenciais quilométricas, confusão, e intervenção da polícia (IHARA; PIMENTEL, 2019). E mesmo após a marcação de shows extras no Rio de Janeiro e em São Paulo e a realocação do concerto em Brasília para um espaço com maior capacidade, reabrindo a venda de ingressos, fãs frustrados ainda fizeram do questionamento sobre “como e onde conseguir ingressos para a turnê”, batizada oficialmente de “Nossa História”, uma das mais frequentes em relação à dupla (EXTRA, 2019).

Com a narração resumida desses fatos e através da exposição de alguns números atingidos, buscamos evidenciar a resposta do público dada à proposta de reencontro artístico dos irmãos e mensurar suas capacidades de engajamento ainda hoje. Assim, poderemos discutir quais fatores contribuíram para essa rearticulação natural da base de fãs, não exatamente surpreendente, como revelou o cantor Junior Lima em entrevista: “Nossos fãs nunca deixaram de pedir ao menos um reencontro. A gente tem total consciência de que hoje eles são adultos e curtem novas sonoridades. Mas muitos devem se recordar do som que fazíamos com o mesmo carinho com que nós dois” (RIBEIRO, 2019).

Nas palavras escolhidas por Junior, dois atributos são evidenciados para entender a reação dos fãs: o som, que aqui trataremos como “a música”, e a recordação, que pode ser entendida também como “memória” e dar vazão à “nostalgia”. Primeiramente, recorreremos então ao entendimento de Blacking (2007) da música “como um tipo de performance, na medida em que os ouvintes devem ativamente recriar e produzir sentido com os sons que ouvem” (p. 208).

O conceito antropológico de 'música' deveria, portanto, ser provisório e sensível à variedade de significados atribuídos, em diferentes partes do mundo, ao som humanamente organizado. Os mesmos padrões de som não apenas podem ter diferentes significados em diversas sociedades, mas também podem ter significados diferentes no interior da mesma sociedade, por causa dos contextos sociais diferentes. (BLACKING, 2007, p. 213)

A dupla “pop” Sandy e Junior teve no Brasil uma das maiores trajetórias de sucesso, sendo recordista de vendas de álbuns. Foram 17 álbuns lançados, quatro DVDs, mais de 300 produtos licenciados e outros feitos como o primeiro show solo no Estádio do Maracanã, em 2002 (SANDY, 200-?). Embora essas conquistas sejam reconhecidas por qualquer um que tenha vivido nestes anos, é verdade que o significado delas é diferente para a legião de fãs que cresceu junto com os dois, reconheceu suas capacidades como crianças, adolescentes e jovens a partir das marcas atingidas pela dupla, e orgulhou-se por tudo que alcançaram, como se fossem seus representantes. Além disso, do álbum “Aniversário do Tatu”, disco lançado em 1991, quando os irmãos tinham 8 e 7 anos, respectivamente, ao “Sandy & Junior”, de 2006, quando tinham 23 e 22 anos, essa base acompanhou a transição das temáticas de suas músicas, da insatisfação de um aluno com preguiça de ir para a escola à preocupação de um jovem com problemas no relacionamento, e se enxergou nas diversas etapas da vida. Enfim, toda esta vivência comum foi capaz de construir uma identidade coletiva, e neste caso, geracional.

A experiência da música pop é uma experiência de locação: em resposta a uma música, somos atraídos por alianças afetivas e emocionais com os intérpretes e com as interpretações dos outros fãs. Essa interação entre imersão pessoal na música e, no entanto, sua natureza externa e pública, é o que torna a música tão importante para a localização cultural do indivíduo na esfera social. (...) A música pode representar, simbolizar e oferecer a experiência imediata da identidade coletiva. (FRITH, In: CRUCES, 2001, p. 6).

Contra o risco de tratar os resultados comerciais como números que são registrados independentemente das ações e escolhas humanas, não podemos esquecer que, em grande medida, esses acontecimentos grandiosos ao longo dos 17 anos de atuação musical da dupla, foram impulsionados pelo próprio público. Não por acaso, o auge da carreira de Sandy e Junior ocorreu justamente quando eles e seus fãs eram jovens.

É um tópico sociológico afirmar que aqueles que se sentem envolvidos de uma forma mais intensa na música popular são adolescentes e os jovens adultos. A música se conecta com um tipo específico de turbulência emocional, associada a questões de identidade individual e posicionamento social, em que o maior valor é o controle dos sentimentos públicos e privados. A medida em que nos fazemos adultos, usamos menos música e nos envolvemos muito menos nisso: as músicas mais significativas para todas as gerações (não só para a geração do rock) são aquelas que ouvimos quando éramos adolescentes. O que podemos deduzir de tudo isso não é só que os jovens precisam de música, mas também que ser jovem é definido pela música. (Ibidem, p. 9)

Uma relação tão forte, se define identidades individuais e coletivas, constrói também memórias e é alvo de nostalgia, um fenômeno deste século que Niemeyer (2014) definiu como um “desejo amargo de antigos tempos e espaços” (p.1), embora façamos aqui a ressalva de que esta tem se tornado cada vez mais uma experiência divertida, proporcionada pelo mercado atento ao inimaginável em outros tempos. Ainda em Niemeyer (2014, p.1): “quem teria pensado, dada a imaginação dos anos 1990 de um futuro repleto de tecnologia, que o início do novo século seria de fato marcado por um aumento nas expressões de nostalgia e em objetos nostálgicos, conteúdo de mídia e estilos?”. É injusto, a luz deste futuro relativo, apontar indícios dados, e este não é nosso objetivo no presente artigo, mas cabe refletir que nossa “imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. (...) O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes?” (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Dito isto, nos interessa mais perceber o que tem sido feito desde que esta tendência à nostalgia foi identificada, como os relançamentos, a cada dia mais frequentes, de produtos como chocolates e brinquedos (PORTUGAL, 2016) — tais quais o bombom Lollo, da Nestlé e o karaokê Meu Primeiro Gradiente, da Gradiente, respectivamente — ou mesmo do grupo feminino Rouge (REDAÇÃO GLAMOUR, 2017), nascido a partir de um reality show do canal Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), *Popstars*, e que fez muito sucesso na década 2000.

Também surfam nesta onda os grandes veículos de comunicação do país. É mister, por exemplo, destacar o papel que a mídia vem exercendo na divulgação da nova turnê de Sandy e Junior e na “recuperação” da histeria coletiva de outros tempos.

Nossa mídia, tanto intencionalmente como à revelia, é instrumento para a articulação da memória. Memória que é pública, popular, difusa, plausível e, portanto, irresistível e também, de tempos em tempos, compulsiva. Quais são as implicações da relação brincalhona da mídia contemporânea com o passado? Como contadora de histórias, como arquivo, e como fornecedora do souvenir? E como devemos compreender o papel da mídia em definir os termos, assim como o conteúdo, de tal memória e de tais lembranças? (SILVERSTONE, 2002, p. 234)

No canal Rede Globo, o *Fantástico*, já em 17 de março, primeiro domingo após o anúncio oficial da turnê, exibiu entrevista exclusiva com Sandy e Junior e vasculhou o armário onde a mãe dos dois, Noely, guarda até hoje objetos que fizeram parte da história deles, como figurinos usados em shows. Outro programa da emissora, o *Caldeirão do*

Huck garantiu a primeira apresentação da dupla na televisão em 12 anos, no dia 30 de março, com um programa que teve também depoimentos de familiares contando o processo de tomada da decisão do retorno, e ainda a participação dos dois no quadro “Visitando o passado”, no qual um lugar importante na vida de um artista é reconstruído no cenário. No caso em questão, o quintal do primeiro sítio comprado por Xororó, pai da dupla, onde os dois passaram a infância. Logo depois, o *Altas Horas*, que um ano antes tinha veiculado entrevista com Sandy e Junior, no quadro *Linha do tempo* — na ocasião, ambos disseram não terem intenção de retornar aos palcos juntos — convidou artistas para dividirem com eles os microfones, lembrando antigos sucessos e reprisando vídeos, como de entrevistas e videoclipes, “matérias-primas para compartilhar esse passado com os outros” (SILVERSTONE, 2002, p. 234). Mas de forma mediada.

Entre os veículos de mídia impressa, um dos mais engajados e que se orgulha em ter dado o furo da volta da dupla, o *Jornal Extra*, além de criar conteúdos especiais periodicamente, em uma espécie de contagem regressiva para a turnê, lembrando curiosidades e respondendo a perguntas de fãs, chegou a convidar seus leitores a se inscreverem em uma lista de transmissão no Whatsapp para receberem novidades relacionadas ao evento, e em um grupo no Facebook, que até o momento da submissão do artigo contava com 2.604 pessoas, para interação de fãs (GERMANO, 2019). Estar no ambiente virtual também é uma estratégia do jornal para recolher depoimentos e histórias interessantes para as matérias a serem publicadas, que visam apresentar e representar o passado. Como coloca Silverstone (2002), “a mobilização de testemunhas; a reconstrução de situações e encontros; a revelação da prova; a retórica da verdade. Aqui, como alhures, é essa a pretensão. Lembrar. Definir o passado. Foi assim. Imaginem” (p. 234).

Em julho, por exemplo, o *Extra* reencontrou, 21 anos depois, dois fãs que almoçaram com a dupla de estrelas após ganharem uma promoção do jornal (MAFRANS, 2019). Entretanto, ao mesmo tempo em que busca reconstituir o que já foi, a mídia reforça, a todo momento, o tempo que passou. Afinal, o que seria da nostalgia se não fosse o intervalo que a separa da memória evocada? Essas duas estratégias, que podem parecer contraditórias, a princípio, são legitimadas no misto de sensações pelos quais passam os próprios fãs: os anos seguiram, eles mudaram, mas a maioria nega qualquer impacto negativo no amor devotado aos ídolos. Isto torna-se mais fácil de compreender através do conceito, de Walter Benjamin, do tempo representado em espiral (OTTE, 1996, p. 211), cujo crescimento “implica um distanciamento entre dois pontos (...),

evidenciando-os como pontos diferentes; a repetição, ao contrário, anula este distanciamento evidenciando a identidade dos mesmos, devido à superposição dentro da mesma espiral”.

Temos, portanto, tempos distantes ou próximos, a depender dos pontos de vista adotados e escolhas feitas. Também a experiência, para o público, do retorno de Sandy e Junior “não significa simplesmente evocar, isoladamente, a lembrança de um passado, esquecendo-se do presente (...). Não se trata de conservar o passado num esforço museal de memória, mas de relacioná-lo diretamente com o presente e de reanimá-lo” (OTTE, 1996, p. 211). Já é comum, por exemplo, os relatos de mães que levarão filhas e filhos para o evento, como Luciely Godoi, de 27 anos, moradora de Jacareí, no estado de São Paulo, que aceitou conceder entrevista para a pesquisadora após contato através do grupo de Facebook “Sandy e Junior - Informativos e Vendas Diretas”³, do qual falaremos a seguir. Fã da dupla desde a década de 90, ela continuou acompanhando a carreira solo de Sandy, em meio às transformações de sua própria vida, como o nascimento da filha, que fará oito anos antes do show no qual acompanhará sua mãe.

Ela foi em três shows da Sandy comigo. Quando eu vi sobre o retorno da dupla, não conseguia pensar em mais nada além de levá-la comigo. Na primeira venda de ingressos, para (o show que acontecerá) em agosto, fiquei acordada para tentar comprar e, antes de dormir, ela me perguntou: ‘Você vai conseguir, né, mãe?’. Quando ela acordou, tive que dizer que não consegui... fiquei sem chão... quando consegui para (o show que será realizado em) outubro, foi uma realização mesmo... uma sensação de poder realizar um sonho... nunca na minha vida pensei que teria esse reencontro... e ver minha filha lá comigo é algo difícil de explicar. Estar lá com ela vai fazer com que essa experiência seja completa... Saber que mostrei as músicas deles para ela e ela estar lá no show... é mais que perfeito para mim. (GODOI, 2019)

Ao ser perguntada sobre o que mudou na sua relação com a dupla de lá para cá, Luciely Godoi respondeu:

Acho que hoje eu sou mais centrada, sabe? Antes, eu dormiria em fila, gastava com revistas... Para essa tour, comprei ingresso, gastei com hotel, camisa... mas nada se compara com antigamente. Tanto que comprei cadeira nível 2 (setor mais afastado do palco e mais barato). Continuo amando, mas tenho mais o pé no chão. Sei até onde eu posso ir e o que é exagero para as minhas condições. Amiga, como a Sandy diz, ‘as costas doem’ (trecho da música “Aquele dos 30”, da carreira solo da cantora) e não sei se daria conta de (ficar) na pista (setor em que as pessoas ficam na frente, mas em pé). (GODOI, 2019)

³ O grupo pode ser acessado através do link www.facebook.com/groups/vendasdiversassandyejunior/.

Como indica Otte (1996), segundo Benjamin, a rememoração não só se nega a ser uma simples preservação do passado, como contribui para a revisão permanente dele e um controle consciente sobre o presente. Afinal, o sujeito benjaminiano não é condenado à total passividade, “transformado num simples joguete da história” (p. 215).

Sabendo disso, o próprio mercado parece propor uma conciliação dos interesses diversos. Ao mesmo tempo em que a produção e a direção da turnê prometem, em declarações dadas durante os programas de televisão já citados, tentar reunir a banda de outrora para acompanhar a dupla e manter os arranjos clássicos nas músicas, adiantam que irão inovar em iluminação, coreografia e outros recursos que avançaram tecnologicamente nos últimos anos, para entregar um espetáculo atualizado. A Universal Music, gravadora que detém os trabalhos da dupla, lança uma loja virtual com um box com todos os CDs e DVDs gravados por Sandy e Junior, mas em canecas e camisetas escreve “Eu faço o que eu quiser no mato, Genaro, meu bem” (SARZI, 2019), uma crítica divertida à música “Maria Chiquinha”, na qual a personagem que dá nome à canção tradicional do interior do país é ameaçada de morte por seu par, um homem ressentido por uma suposta traição que aconteceu “no mato”. Afinal, essa música, que foi cantada pela dupla em sua primeira apresentação na televisão — Sandy aos 6 e Junior aos 5 anos de idade, no programa Som Brasil, apresentado por Lima Duarte, em 1989 (MUNIZ, 2019) — e que provocou a simpatia do público, talvez hoje fosse em uma peça criticada, por conta do machismo encrustado. Como explica Niemeyer (2004, p.3):

O que se foi só pode ser reencenado, repetido, reconstruído, repensado e restaurado por um ato artificial, por mimesis. Em outras palavras, o que é passado vem junto com o presente, via re-apresentação, um presente que contrata partes do passado em sua atualização.

Mesmo apontando a relação da mídia com a história, não queremos esquecer aqui que “a textura da memória se entrelaça com a textura da experiência. Memória é trabalho: nunca é formada no vácuo” (SILVERSTONE, 2002, p. 237). Ou seja, se como abordamos, a mídia usa dos testemunhos para remontar a história, depende da relação entre ouvinte e narrador, “dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado” (OTTE, 1996, p. 211). Nem narrador, nem ouvinte são passivos, e sim, agentes. E não podemos, portanto, ignorar que no ano de 2019, esses testemunhos a serem feitos têm outras ferramentas de compartilhamento à disposição, como as redes sociais.

A própria entrevista citada anteriormente pela autora deste artigo e as que serão apresentadas a seguir foram feitas pelo Facebook, e os entrevistados interpelados a partir

de interações no grupo virtual aberto na mesma plataforma, “Sandy e Junior - Informativos e Vendas Diretas”. Com a permissão do administrador da página, a pesquisadora publicou três enquetes, identificando o propósito acadêmico das perguntas, para conhecer os participantes, e deixou disponível por 24 horas. Os questionamentos serão relevados a seguir. Por ora, é importante esclarecer que o grupo em questão não é o único com este mote, mas o que tem o maior número de membros (14.751), em meio a tantos organizados por pessoas que desde a primeira fase da dupla gerenciaram frente fãs-clubes, mas que hoje veem seus alcances aumentados. “A tecnologia tanto conectou como interveio. Foram-nos oferecidos suplementos para a experiência: vitaminas de tempo”, conforme explica Silverstone (2002, p. 242).

Nestes grupos, além dos convites aos debates feitos pelos administradores, outras publicações são criadas de forma espontânea, recorrentemente, pelos usuários, para lembrar momentos importantes da carreira da dupla e sensações dos fãs, em uma espécie de confirmação do que passaram. “Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (HALBWACHS, 1990, p. 24). Mais uma vez, no entanto, ressaltamos que, não fosse a disposição de narrador e ouvinte, funções que não são fixas, mas podem mudar a qualquer momento, seria inútil qualquer esforço em propor a conversa. Poderia o outro lado perguntar:

Que me importa que os outros ainda estejam dominados por um sentimento que eu experimentava com eles outrora, e que não experimento hoje mais? Não posso mais despertá-lo em mim, porque, já muito tempo, não há mais nada em comum entre meus antigos companheiros e eu. Não é culpa nem da minha memória nem da deles. Porém uma memória coletiva mais ampla, que compreendia ao mesmo tempo a minha e a deles, desapareceu. (HALBWACHS, 1990, p. 34)

Motivada por isto e afim de entender a importância do coletivo para a experiência, a pesquisadora perguntou no grupo já mencionado: “Com quem você vai ao show?”. E as opções de respostas pré-definidas na enquete eram: “Com amigos/as da época em que Sandy e Junior eram uma dupla” (que recebeu 121 votos), “Sozinho” (119 votos) e “Com amigos/as que conheci após o fim da dupla” (97 votos). Evitaremos aqui transformar os votos em percentuais, por conta do caráter improvisado da pesquisa, mas as respostas obtidas serviram para identificar um cenário plural, os personagens que gostaríamos de entrevistar e conhecer, posteriormente, suas histórias. Carina Martins, 31 anos, de Ibiborã,

Paraná, relatou, por exemplo, a importância do compartilhamento da experiência na turnê Nossa História com seu amigo do colegial. O contato entre eles, inclusive, foi retomado em outro momento de nostalgia comum, o já citado retorno do grupo Rouge.

Depois que terminamos o colegial, cada um foi para um canto. Voltamos a ter contato efetivo em 2017, com o retorno de Rouge, que era também nosso grupo favorito dos anos 2000. Fomos aos shows juntos e, quando veio a notícia dessa tour de Sandy e Junior, já era certo que iríamos juntos novamente. Hoje, ele mora em São Paulo e eu, no Paraná. Então nosso contato é por telefone mesmo. (Esse encontro) Vai ser pura emoção. Nós brincávamos de ser Sandy e Junior, colecionávamos e trocávamos recortes relacionados a eles. Acredito que vão voltar memórias e, com elas, risos e choros. (MARTINS, 2019)

A pouca diferença de votos registrados nas opções indica que ir ao show com novos amigos, no entanto, não prejudica a conexão para grande parcela do público, e nem mesmo ir sozinho, para quem confia em uma ligação geracional entre os presentes. Como diz Otte (1996, p.231), “somos o que lembramos, como nações e como indivíduos; e a memória é o lugar, agora, de lutas por identidade e pela posse de um passado”.

Através de uma segunda enquete, a pesquisadora buscou entender também se as músicas da dupla ainda ocupavam lugar de destaque na playlist dos fãs. Neste caso, para a pergunta “Como é sua relação com a dupla?”, a resposta pré-definida “Ouço as músicas muito frequentemente ainda, como qualquer artista na ativa que eu curta” registrou 70 votos, contra 16 para “Não ouço mais com tanta frequência, mas faz parte da minha identidade” e quatro para “Não ouço mais com tanta frequência, mas faz parte da memória coletiva da minha geração”. O testemunho majoritário remonta ao que falamos no início deste artigo: a importância da música para o jovem. São quatro as funções dela: a primeira, o nacionalismo; a segunda, administrar a relação entre a vida emocional pública e a privada, através principalmente das canções de amor; a terceira, dar memória coletiva, e, finalmente, como afirma Frith (In: CRUCES, 2001. p. 9), a última: “a música popular é algo que se possui. Ao possuir uma determinada música, a convertemos em uma parte de nossa própria identidade e a incorporamos à percepção que temos de nós mesmos”.

Outra entrevistada, Ana Carolina Firmino, 30 anos, de Bocaína, Paraná, exemplifica isso ao contar que “Você pra sempre” é uma de suas músicas favoritas da dupla, por ter sido trilha de um romance vivido na adolescência. Essa música “é dela”.

Apesar de fã da dupla desde o início da carreira, esta será a primeira vez que Ana Carolina Firmino irá a um show de Sandy e Junior. Foi isso que ela respondeu na terceira enquete aberta pela pesquisadora, com a pergunta “Quem são vocês?”, que tinha como

respostas: “Sou fã da dupla desde 90/2000 e já fui a shows” (59 votos), “Sou fã da dupla desde 90/2000, mas será meu primo show” (51 votos) e “Conheci e virei fã após o fim da dupla” (2 votos). Firmino (2019) contou:

Eu vim de uma família muito humilde, que não tinha recursos para prover para a gente nada além de comida e teto, mesmo. Então um show de Sandy e Junior, durante a minha infância, sempre foi um sonho distante, bem distante... Durante a minha adolescência, eu já trabalhava, mas continuava sendo inacessível um show deles, por conta de eu ter que ajudar em casa, e por conta da distância entre interior e capital... Então, quando eles se separaram em 2007, eu pensei que jamais realizaria esse sonho. Quando eles anunciaram a volta, em março, eu literalmente pirei. Sou mãe de duas filhas lindas, sou casada, porém, no dia 25 de agosto, eu serei apenas uma fã muito emocionada por realizar esse sonho. Chorarei tanto pelo fato de conseguir realizar esse sonho, quanto pelo fato de lembrar da infância e de como tudo era tão difícil. Hoje, me ver em condições financeiras melhores, podendo ajudar os meus pais, a cuidar da minha família, e realizando esse sonho é muito gratificante.

Para ela, a experiência de comparecer à turnê Nossa História será uma redenção, que “não se limita a um resgate do passado, mas se refere também à disposição do presente de receber os sinais do passado, como se passado e presente fossem fragmentos de um todo anteriormente inteiro” (OTTE, 1996, p. 216). Apesar de falar, primeiramente, que neste show, ela, hoje mãe e mulher casada, será apenas uma fã muito emocionada, logo em seguida admite que a bagagem do passado deve acompanhá-la. E é deste encontro e contraste entre o que ela foi e o que ela é que se anuncia seu choro. E o de muitos outros que, entre julho e setembro, assistirão às apresentações de Sandy e Junior no país.

Não sabemos o que será daqui para a frente da carreira de Sandy e Junior, mas parece impensável que a dupla seja esquecida enquanto a geração que a acompanhou viver, ou mesmo depois.

Os dias de festa e sua volta periódica ilustram um princípio que não só proporciona a "redenção" do passado, para usar o vocabulário teológico das Teses, mas que, com cada ciclo, toma esta rememoração mais sólida graças ao mecanismo da repetição. É como se a repetição de cada dia de festa deixasse seus sedimentos em torno do acontecimento comemorado, contribuindo assim à construção de uma tradição resistente ao perigo do esquecimento. (OTTE, 1996, p. 211)

O retorno aos palcos em 2019 deve servir como um reaquecimento das memórias e dessa identidade construída coletivamente, ao som de Sandy e Junior.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLACKING, John. **Música, cultura e experiência**. In: cadernos de campo, São Paulo, n. 16, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Consumo cultural**. In: El sentido social del gusto: elementos para una sociología de la cultura. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.
- FRITH, Simon. **Hacia una estética de La musica popular**. In: CRUCES, Francisco; et. al. (Orgs), Las culturas musicales. Lecturas en etnomusicología. Madrid: Ed. Trotta, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- NEGUS, Keith; VELAZQUEZ, P. Roman. **Belonging and detachment**: Musical experience and their limits of identity. In: Poetics 30 (2002).
- NIEMEYER, Katherine. **Introduction**: media and nostalgia, 2014.
- OTTE, Georg. **Rememoração e citação em Walter Benjamin**. In: Revista de estudos de Literatura. Belo Horizonte, v. 4, out. 1996.
- RANCIÈRE, Jacques. **O que significa estética**. 2011.
- SILVERSTONE, Roger. **Memória**. In: Por que estudar a mídia? São Paulo: Loyola, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Textos online:

- AVÓLIO, Ana Carolina. Sandy e Junior confirmam reunião para shows em dez cidades em 2019. **Veja**, São Paulo, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/sandy-e-junior-se-reunem-para-turne-comemorativa/>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- CORACCINI, Raphael. Como Sandy & Junior quadruplicaram cartões emitidos pelas Pernambucanas. **Novarejo**: O varejo do amanhã aqui. Hoje, [S. l.], 8 abr. 2019. Disponível em: <https://portalnovarejo.com.br/2019/03/sandy-e-junior-instagram-cartoes-pernambucanas/>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- ESTADÃO. Fila online para pré-venda dos shows de Sandy e Junior ultrapassa 180 mil pessoas. **Estadão**, São Paulo, 20 mar. 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,fila-online-para-pre-venda-dos-shows-de-sandy-e-junior-ultrapassa-180-mil-pessoas,70002762196>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- EXTRA. Sandy & Junior farão show comemorativo pelos 30 anos no segundo semestre. **Extra**, Rio de Janeiro, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/sandy-junior-farao->

show-comemorativo-pelos-30-anos-no-segundo-semester-23409921.html. Acesso em: 1 jul. 1992.

EXTRA. Sandy & Júnior têm aumento de 230% nas buscas por músicas em aplicativo. **Extra**, Rio de Janeiro, 16 março 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/sandy-e-junior/sandy-junior-tem-aumento-de-230-nas-buscas-por-musicas-em-aplicativo-23526910.html>. Acesso em: 1 jul. 2019.

EXTRA. Saiba quais são as dúvidas dos internautas sobre Sandy e Junior. **Extra**, São Paulo, p. 1, 1 jul. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/sandy-e-junior/saiba-quais-sao-as-duvidas-dos-internautas-sobre-sandy-junior-23776105.html>. Acesso em: 1 jul. 2019.

GERMANO, Gabi. EXTRA usa as redes sociais para conversar diretamente com fãs de Sandy e Junior. **Extra**, Rio de Janeiro, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/sandy-e-junior/extra-usa-as-redes-sociais-para-conversar-diretamente-com-fas-de-sandy-junior-23735772.html>. Acesso em: 1 jul. 2019.

IHARA, Raphael; PIMENTEL, Guilherme. Fila para compra de ingresso de show de Sandy e Junior tem confusão em SP. **G1**, São Paulo, 20 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/27/fila-para-compra-de-ingresso-de-show-de-sandy-e-junior-tem-confusao-em-sp.ghtml>. Acesso em: 1 jul. 2019.

MAFRANS, Paulo Victor. EXTRA reencontra fãs que conheceram Sandy e Junior há 21 anos em almoço promovido pelo jornal. **Extra**, Rio de Janeiro, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/sandy-e-junior/extra-reencontra-fas-que-conheceram-sandy-junior-ha-21-anos-em-almoco-promovido-pelo-jornal-23787374.html>. Acesso em: 1 jul. 2019.

MUNIZ, Flávia. Lima Duarte relembra estreia de Sandy e Junior em seu programa: 'Percebi na hora que seriam o que são'. **Gshow**, Rio de Janeiro, p. 1, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/Famosos/noticia/lima-duarte-relembra-estreia-de-sandy-e-junior-em-seu-programa-percebi-na-hora-que-fatalmente-seriam-o-que-sao.ghtml>. Acesso em: 1 jul. 2019.

PORTUGAL, Mirela. 8 marcas que estão se beneficiando da nostalgia. **Exame**, Rio de Janeiro, p. 1, 13 set. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/marketing/8-marcas-que-estao-se-beneficiando-da-nostalgia/>. Acesso em: 1 jul. 2019.

REDAÇÃO GLAMOUR. Elas voltaram! Rouge faz sua reestreia com formação original no Rio. **Glamour**, Rio de Janeiro, 14 out. 2017. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2017/10/elas-voltaram-rouge-faz-sua-reestreia-com-formacao-original-no-rio.html>. Acesso em: 1 jul. 2019.

RIBEIRO, Naiana. Nostalgia domina ruas e redes após anúncio da turnê de Sandy & Júnior. **Correio 24 Horas**: O que a Bahia quer saber, Bahia, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nostalgia-domina-ruas-e-redes-apos-anuncio-da-turne-de-sandy-junior/>. Acesso em: 1 jul. 2019.

SANDY & Junior: **Wikipedia** - A enciclopédia livre. [S. l.], [200-?]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sandy_%26_Junior. Acesso em: 1 jul. 2019.

SARZI, Lucas. De camiseta feminista a box com todos os CDs, veja a loja com produtos de Sandy e Junior. **Tribuna PR**: Paraná Online, Paraná, 26 jun. 2019. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/mais-pop/de-camiseta-feminista-a-box-com-todos-os-cds-veja-a-loja-com-produtos-de-sandy-e-junior/>. Acesso em: 1 jul. 2019.